



## SOCIOLOGIA DA CULTURA - CELEBRIDADES BOTAFOGUENSES

**Olavo Bilac** 



<b>Nascimento</b>	16 de dezembro de 1865 Rio de Janeiro
<b>Morte</b>	18 de dezembro de 1918 (53 anos) Rio de Janeiro
<b>Nacionalidade</b>	 Brasileiro
<b>Ocupação</b>	Poeta

**Olavo Brás Martins dos Guimarães Bilac** (Rio de Janeiro, 16 de dezembro de 1865 - Rio de Janeiro, 28 de dezembro de 1918) foi um jornalista e poeta brasileiro, membro fundador da Academia Brasileira de Letras. Criou a cadeira 15, cujo patrono é Gonçalves Dias.



Conhecido por sua atenção a literatura infantil e, principalmente, pela participação cívica, era republicano e nacionalista. Bilac escreveu a letra do Hino à Bandeira e fez oposição ao governo de Floriano Peixoto. Foi membro-fundador da Academia Brasileira de Letras, em 1896. Em 1907, foi eleito “príncipe dos poetas brasileiros”, pela revista Fon-Fon. Bilac, autor de alguns dos mais populares poemas brasileiros, é considerado o mais importante de nossos poetas parnasianos. No entanto, para o crítico João Adolfo Hansen, "o mestre do passado, do livro de poesia escrito longe do estéril turbilhão da rua, não será o mesmo mestre do presente, do jornal, a cronicar assuntos cotidianos do Rio, prontinho para intervenções de Agache e a erradicação da plebe rude, expulsa do centro para os morros"

“

*A Pátria não é a raça, não é o meio, não é o conjunto dos aparelhos econômicos e políticos: é o idioma criado ou herdado pelo povo.*<sup>[1]</sup> - **Bilac**

”



### Biografia

Olavo Bilac, filho de Brás Martins dos Guimarães Bilac e de Delfina Belmira dos Guimarães Bilac, era considerado um aluno aplicado, conseguindo, aos 15 anos - antes, portanto, de completar a idade exigida - autorização especial de ingressar no curso de Medicina na Faculdade de Medicina do Rio de Janeiro, a gosto do pai e a contra gosto próprio, que era médico da então Guerra do Paraguai.

Começa a frequentar as aulas, mas seu trabalho da redação da *Gazeta Acadêmica* absorve-o mais do que a sisuda anatomia. Do mesmo modo, no



tempo de colégio, deliciara-se com as viagens que os livros de Júlio Verne lhe ofereciam à fantasia. No menino e no jovem já se manifestavam as marcas de sua paixão futura: o fascínio poder criador da palavra. Há relatos que contam que Olavo Bilac não concluiu seu curso de Medicina devido a sua necrofilia. Bilac segundo algumas fontes, as quais tentam ser abafadas, tinha relações sexuais com os cadáveres de sua faculdade.

Bilac não concluiu o curso de Medicina e Direito, que frequentou posteriormente, em São Paulo. Bilac foi jornalista, poeta, frequentador de rodas de boêmias e literárias do Rio. Sua projeção como jornalista e poeta e seu contato com intelectuais e políticos da época conduziram-o a um cargo público: o de inspetor escolar.

Sua estreia como poeta, nos jornais cariocas, ocorreu com a publicação do soneto "*Sesta de Nero*" no jornal *Gazeta de Notícias*, em agosto de 1884. Recebeu comentários elogiosos de Artur Azevedo, precedendo dois outros sonetos seus, no *Diário de Notícias*. No ano de 1897, Bilac acabou perdendo o controle do seu *Serpollet* e o bateu contra uma árvore na Estrada da Tijuca, no Rio de Janeiro - RJ, sendo o primeiro motorista a sofrer um acidente automobilístico no Brasil.

Aos poucos profissionaliza-se: produz, além de poemas, textos publicitários, crônicas, livros escolares e poesias satíricas. Visa contar através de seus manuscritos a realidade presente na sua época. Em 1891, com a dissolução do parlamento e a posse de Floriano Peixoto, intelectuais perdem seu protetor, Dr. Portela, ligado com o primeiro presidente republicano Deodoro da Fonseca. Fundado *O Combate*, órgão antiflorianista e a instalação do estado de sítio, Bilac é preso e passa quatro meses detido na *Fortaleza da Laje* no Rio de Janeiro.

O grande amor de Bilac foi Amélia de Oliveira, irmã do poeta Alberto de Oliveira. Chegaram a ficar noivos, mas o compromisso foi desfeito por oposição de outro irmão da noiva, desconfiado de que o poeta era um homem sem futuro. Seu segundo noivado fora ainda menos duradouro, com Maria Selika, filha do violonista *Francisco Pereira da Costa*. Viveu só sem constituir família até o fim de seus dias.



Mas, como lendas e mitos amorosos cercam a história de todos os poetas, consta que Amélia se manteve fiel a ele por toda vida, não se casando e depositando romanticamente uma mecha de seus cabelos no caixão do poeta.

Como não tivera herdeiros, preferiu educar várias gerações de brasileiros escrevendo diversos livros escolares, ora sozinho, ora com *Coelho Neto* ou com *Manuel Bonfim*.

### **Participação cívica e social**

Já consagrado em 1907, o autor do *Hino da Bandeira* é convidado para liderar o movimento em prol do serviço militar obrigatório, já matéria de lei desde 1907, mas apenas discutido em 1915. Bilac se desdobra para convencer os jovens a se alistar.

Já no fim de sua vida, em 1917, Bilac recebe o título de professor honorário da Universidade de São Paulo. E talvez seja considerado um professor mesmo: dos contemporâneos, leitores de suas crônicas e ouvintes de sua poesia; dos que se formaram na leitura de seus livros escolares; de modo geral, dos que até hoje são enfeitiçados por seus poemas.

É como poeta Bilac se immortalizou. Foi eleito *Príncipe dos Poetas Brasileiros* pela revista Fon-Fon em 1907. Juntamente com Alberto de Oliveira e Raimundo Correia, foi a maior liderança e expressão do Parnasianismo no Brasil, constituindo a chamada *Tríade Parnasiana*. A publicação de *Poesias*, em 1888 rendeu-lhe a consagração.

### **Discurso de 1907**

Ao tomar palavra no banquete-homenagem que lhe fora oferecido a 3 de dezembro de 1907, Bilac enfatizaria o fato de ser sua figura representativa de toda uma geração:

*"O que estais, como brasileiros, louvando e premiando nesta sala, é o trabalho árduo, fecundo, revolucionário, corajoso da geração literária a que pertenço, e o papel definido, preciso, dominante, que essa geração conquistou com o seu labor, para o homem das letras, no seio da civilização brasileira..."*



*Que fizemos nós? Fizemos isto: transformamos o que era até então um passatempo, um divertimento, naquilo que é hoje uma profissão, um culto, um sacerdócio: estabelecemos um preço para nosso trabalho, porque fizemos desse trabalho uma necessidade primordial da vida moral e da civilização de nossa terra..."*

### **Principais obras**



Membros da Academia de Letras; Olavo Bilac encontra-se em pé, o quarto da esquerda para a direita.

Dentre outros escritos de Bilac, destacam-se:

- Através do Brasil
- Poesias (1888)
- Crônicas e novelas (1894)
- Crítica e fantasia (1904)
- Conferências literárias (1906)
- Dicionário de rimas (1913)
- Tratado de versificação (1910)
- Ironia e piedade, crônicas (1916)
- Tarde (1919) - Poesia, org. de Alceu Amoroso Lima (1957)
- Contos Pátrios
- Teatro Infantil
- Livro de Leitura
- Tratado de Versificação - em colaboração com Guimarães Passos
- Antologia poética
- Hino à Bandeira



- Língua Portuguesa, soneto sobre a língua portuguesa.

## Língua Portuguesa

### Olavo Bilac

*Última flor do Lácio, inculta e bela,  
És, a um tempo, esplendor e sepultura:  
Ouro nativo, que na ganga impura  
A bruta mina entre os cascalhos vela...*

*Amo-te assim, desconhecida e obscura,  
Tuba de alto clangor, lira singela,  
Que tens o trom e o silvo da procela  
E o arrollo da saudade e da ternura!*

*Amo o teu viço agreste e o teu aroma  
De virgens selvas e de oceano largo!  
Amo-te, ó rude e doloroso idioma,*

*Em que da voz materna ouvi: "meu filho!"  
E em que Camões chorou, no exílio amargo,  
O gênio sem ventura e o amor sem brilho!"<sup>[2]</sup> <sup>[3]</sup>*

### Olavo Bilac tradutor

Olavo Bilac traduziu as famosas travessuras de *Max und Moritz* de Wilhelm Busch, do alemão para o português: *Juca e Chico* (obra ilustrada, integral, disponível gratuitamente online).<sup>[4]</sup>

### Representações na cultura

**Olavo Bilac** já foi retratado como personagem no cinema e na televisão. Na televisão foi interpretado por Rui Minharro na minissérie *Chiquinha Gonzaga*, minissérie transmitida pela Rede Globo em 2002. No cinema, foi interpretado por Carlos Alberto Riccelli no filme *Brasília 18%*, filme produzido pela Globo Filmes em 2006.



## Referências

1. ↑ Eduardo Fernandes Paes (2000). *Nossa língua, nossa pátria* (em português). Página visitada em 23 de janeiro de 2010.
2. ↑ Eduardo Fernandes Paes (2000). *Nossa língua, nossa pátria - "Última flor do Lácio, inculta e bela"* (em português). Página visitada em 23 de janeiro de 2010.
3. ↑ Paula Perin dos Santos (2009). *Análise do poema "Língua Portuguesa"* (em português). Página visitada em 23 de janeiro de 2010.
4. ↑ BUSCH, Wilhelm. Juca e Chico. História de Dois Meninos em Sete Travessuras. (tradução: Olavo Bilac) 11ª edição. São Paulo: Melhoramentos, s/d.

## Ligações externas

- Perfil no sítio oficial da Academia Brasileira de Letras (em português)
- Todas as obras de Bilac no Portal São Francisco
- Olavo Bilac e a unidade do Brasil republicano

Precedido por <b>Gonçalves Dias</b> (patrono)	 <b>ABL - fundador da cadeira 15</b> 1897 - 1918	Sucedido por <b>Amadeu Amaral</b>
---	--	--------------------------------------

## Quem sou e qual o meu endereço? (Lattes CNPq)

<http://buscatextual.cnpq.br/buscatextual/visualizacv.jsp?id=K4483255J4>

Sou Botafoguense. Sou da Amazônia Amapaense, nasci e resido em Macapá (AP), na esquina do Rio Amazonas com a Linha do Equador. Sou Mestre em Planejamento e Políticas Públicas (UECE). Sociólogo (UFPA), Psicopedagogo (USS/RJ), Pedagogo (UEPA), Bacharel em Direito/Advogado (CEAP) e Especialista em Metodologia do Ensino Superior (USS/RJ). Faço parte do quadro de Docentes efetivos da Universidade Federal do Amapá (UNIFAP) desde 1994, quando da aprovação no 1º Concurso Público para Filosofia da Educação. Estou vinculado ao Colegiado de Pedagogia.

Vice-Reitor da UNIFAP de janeiro de 2003 a junho de 2006. Pró-Reitor de Ensino de Graduação no período de junho de 2002 a fevereiro de 2003. Pró-Reitor de



Extensão da Universidade do Estado do Amapá (UEAP) de outubro de 2007 a janeiro de 2011. Diretor do Departamento de Apoio ao Vestibular (DAVES) e do Departamento de Processos Seletivos e Concursos (DEPSEC) no período de 1998 a 2002. Presidente da Comissão de Operacionalização de Processos Seletivos (COPS/UNIFAP) de 1998 a 2004.

Participei da concepção e viabilização dos projetos de implantação dos Campi Universitários da UNIFAP em Oiapoque e Laranjal do Jari, assim como dos Polos Universitários de Macapá, Santana, Marco Zero, Amapá, Porto Grande, Serra do Navio, Equinócio, Laranjal do Jari e Afuá (PA).

P.S.: Agradecimentos especiais a Wikipédia ([www.wikipedia.org](http://www.wikipedia.org)), a enciclopédia livre e aos colabores botafoguenses pelas informações prestadas.

### **Bibliografia sugerida**

AQUINO, Rubim Santos Leão de. *Futebol, uma paixão nacional*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2002.

AUGUSTO, Sérgio. *Botafogo: entre o céu e o inferno*. Rio de Janeiro: Ediouro, 2004.

CAMPOS, Paulo Mendes Campos. *O gol é necessário*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2001.

CARVALHO, Ney Oscar Ribeiro de, PEPE, Braz Francisco Winkler e MIRANDA, Luiz Felipe Carneiro de. *Botafogo: uma história em preto e branco*. Rio de Janeiro: Gráfica Jornal do Brasil, 1996.

CAJU, Paulo César. *Dei a volta na vida*. Rio de Janeiro: A Girafa Editora, 2006.

CASÉ, Rafael. *O artilheiro que não sorria*. Livro de futebol.com, 2008.

\_\_\_\_\_ e FALCÃO, Roberto. *100 anos gloriosos: almanaque do centenário do Botafogo*. Rio de Janeiro: Areté Editorial, 2004.

CASTRO, Alceu Mendes de Oliveira. *O futebol no Botafogo (1904-1950)*. Rio de Janeiro: Gráfica Milone, 1951.

CASTRO, Ruy. *Estrela solitária: um brasileiro chamado Garrincha*. São Paulo: Companhia das Letras, 1995.

DIENSTMANN, Cláudio. *Futebol em frases: 1001 melhores e definitivas sentenças de intelectuais, jornalistas e, até mesmo, de dirigentes, técnicos e jogadores*. Porto Alegre: AGE, 2006.

DUARTE, Marcelo. *Guia dos craques*. São Paulo: Abril, 1984.

FOER, Franklin. *Como o futebol explica o mundo: um olhar inesperado sobre a globalização*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2005.

GALEANO, Eduardo. *Futebol: ao sol e à sombra*. Porto Alegre: L&PM, 2010.



- MARIO FILHO. *O sapo de Arubinha: os anos de sonho do futebol brasileiro*. São Paulo: Companhia das Letras, 1994.
- \_\_\_\_\_. *O negro no futebol brasileiro*. Rio de Janeiro: Pongetti, 1947.
- MARK, Perryman. *Filósofos futebol clube: 11 grandes pensadores entram em campo*. São Paulo: Disal, 2004.
- MÁXIMO, João & CASTRO, Marcos de. *Gigantes do futebol brasileiro*. Rio de Janeiro: Lidador, 1965.
- MOREYRA, Sandro. *Histórias de Sandro Moreyra*, Rio de Janeiro: JB, 1985.
- NAPOLEÃO, Antônio Carlos. *Botafogo de Futebol e Regatas: história, conquistas e glórias no futebol*. Rio de Janeiro: Maud, 2000.
- NEVES, Marcos Eduardo. *Nunca houve um homem como Heleno*. Rio de Janeiro: Ediouro, 2006.
- NOGUEIRA, Armando. *A ginga e o jogo*. Rio de Janeiro: Objetiva, 2003.
- \_\_\_\_\_. *Bola na rede*. Rio de Janeiro: José Olympio, 1973.
- PORTO, Roberto. *Botafogo: O Glorioso*. Belo Horizonte: Leitura, 2009.
- \_\_\_\_\_. *Botafogo: 101 anos de história, mitos e superstições*. Rio de Janeiro: Revan, 2005.
- \_\_\_\_\_. *Didi: treino é treino, jogo é jogo*. Rio de Janeiro: Relume-Dumará, 2001.
- PRETA, Stanislaw Ponte. *Bola na Rede: a batalha do bi*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1993.
- RIBEIRO, Péris. *Didi: o gênio da folha seca*. Rio de Janeiro: Imago, 1993.
- RODRIGUES, Nelson. *À sombra das chuteiras imortais*. São Paulo: Companhia das Letras, 1993.
- SALDANHA, João. *Meus amigos*. Rio de Janeiro: Nova Mitavaí, 1987.
- \_\_\_\_\_. *Os subterrâneos do futebol*. Rio de Janeiro: Tempo Brasileiro, 1953.
- SAMPAIO, Paulo Marcelo. *Os dez mais do Botafogo*. (Coleção Ídolos Imortais). Rio de Janeiro: Maquinária, 2008.
- SANTOS, Nilton. *Minha bola, minha vida*. Rio de Janeiro: Gryphus, 1998.
- SORIANO, Ferran. *A bola não entra por acaso: estratégias inovadoras de gestão inspiradas no mundo do futebol*. São Paulo: Larrouse do Brasil, 2010.
- SIMÕES, Roberto Porto. *Informação e futebol: driblando incertezas*. Porto Alegre: AGE/EDIPUCRS, 2009.
- XAVIER, Beto. *Futebol no país da música*. São Paulo: Panda Books, 2009.

